

BRAZ TEIXEIRA, António – *O essencial sobre a Filosofia Portuguesa (sécs. XIX e XX)*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008, 123 pp.

O professor António Braz Teixeira é um reputadíssimo estudioso da cultura e da produção filosófica portuguesa, realizada durante os séculos XIX e XX. Para além disso, foi director da INCM, e marcou, pelo seu empenho editorial, o universo cultural português, praticamente dos dois últimos decénios.

A pequena obra que nos é aqui apresentada, está incluída na "coleção essencial", e por isso, tem como intuito fundamental expor, em traços gerais, a génese do pensamento filosófico contemporâneo, em Portugal. Para isso, Braz Teixeira organiza o universo filosófico português segundo uma periodização cronológica, de modo a poder melhor analisar, em cada período, as figuras que mais se destacaram. No primeiro período (1803-1850), destaca-se a figura de Silvestre Pinheiro Ferreira, cuja obra, abarca os diversos domínios do saber filosófico, como a estética, a ética, a teoria do conhecimento e a ontologia. A filosofia silvestrina insere-se "na linha do empirismo sensista de matriz lockiana", todavia, ela pode ser melhor entendida como um "ecletismo *sui generis*", que, a uma renovada base aristotélica, procurava adicionar as conquistas modernas de Bacon, Leibniz e Condillac" (pp. 11-12).

O segundo período (1850-1912) é fortemente marcado pela crítica à concepção cristã da divindade, acompanhada pela "dissolução de uma razão clara e segura de si, luminosa via de acesso aos segredos da verdade divina, que ignora a sombra e repele todo o negativo e todo o irracional" (p. 19). Neste ciclo, vários figuras se destacam, como por exemplo, Amorim Viana (1822-1901). É um pensador de pendor espiritualista, centrando a sua reflexão, em torno da relação razão e fé e seguindo uma linha de reflexão marcadamente racionalista. Acaba por efectuar na sua obra *Defesa do Racionalismo ou Análise da fé*, um exame rigoroso da tradição teodiceica e da teologia filosófica portuguesa. Na senda ainda desta procura do absoluto e do primado que se dá à ideia de Deus, uma segunda linha se vai, no entanto, constituir, a partir do domínio jurídico, com personalidades como, Vicente Ferrer Neto Paiva (1798-1886), Joaquim Maria da Silva (1830-1915) e Joaquim Maria Rodrigues de Brito (1822-1873). Estes últimos, seguindo a orientação da moral kantiana e do panenteísmo de Krause, realçam a questão da legitimidade filosófica para a justificação de diversos domínios, nomeadamente, da filosofia do direito e da constituição de uma filosofia da história, que, Rodrigues de Brito expõe, claramente, na sua *Filosofia da História do Cristianismo*. Desta obra, serão fortemente influenciados Cunha Seixas (1836-1875) e o próprio Antero de Quental. O primeiro, na sua obra *Princípios Gerais de Filosofia*, editada postumamente, onde Cunha Seixas apresenta "um ambicioso sistema filosófico que denominou de pantiteísmo" (p. 26). Todavia, no final da segunda metade dos anos 70 do século XIX, as diferentes orientações de cariz espiritualista serão contrariadas por uma corrente especulativa de pendor positivista, cientifista e naturalista. Diversos autores estão nesta linha, como: Teófilo Braga, Domingos Tarroso, Guerra Junqueiro e Basílio Teles. Nesta nova corrente de ideias, outras influências se farão sentir, por um lado, o historicismo de Vico, a estética de Hegel e a doutrina comtiana acerca do desenvolvimento das ciências, e por outro, as teorias evolucionistas de Spencer, bem como as críticas de Stuart Mill e Huxley ao fundador do positivismo (p.37). Vários temas e problemas são aflorados, entre os quais, a relação entre filosofia e ciência, a relação entre a metafísica e a física, a evolução da natureza e a sua caminhada através de dimensões existenciais, como o amor, a dor a alegria e o sofrimento, que transcendem a finitude humana, e por último, a questão do mal e do seu mistério. Esta questão é retomada por Basílio Teles que, em seu ideário, apresenta uma solução de "sinal atesta" (p. 41). Por sua vez, o filósofo português, Sampaio Bruno (1857-1915) retomando o problema do mistério do mal como ponto de partida da sua reflexão, desenvolve-o numa linha, que o afasta, quer do dualismo criacionista

de Amorim Viana, quer do monismo, patenteado na sua obra *O Brasil mental* (p. 44). Sampaio Bruno desvincula, portanto, da sua reflexão teodiceica, "tanto o criacionismo e o panteísmo, como o ateísmo" (p. 45), abrindo-se, por conseguinte, a uma via de uma *teurgia profética*. O claro pendor especulativo de Bruno fará com que a sua reflexão cosmológica e metafísica se destaque, quanto à visão que apresenta sobre Deus e o mundo, quanto à relação entre a matéria e o ser divino, tendo em vista, a fundamentação da existência de um processo ascendente, que levará a uma reabsorção final de todo o diferenciado e de todo o heterogéneo, num Homogéneo inicial. O fim último do homem, será então, a sua ascensão a uma libertação que o faz integrar no absoluto (p. 47).

O terceiro período (1912-1943) vai ser marcado pela continuidade da especulação iniciada pelo deísmo racionalista de Amorim Viana e pela teurgia de Sampaio Bruno. Os seus mais marcantes continuadores serão: Leonardo Coimbra (1883-1936), Teixeira de Pascoaes (1877-1952), e finalmente, os principais promotores do movimento da *Renascença Portuguesa*, em 1912. Em torno deste movimento, várias outras figuras do panorama cultural e filosófico português vão ainda surgir, tais como, António Sérgio (1883-1969) e Raul Proença (1844-1941) ainda que, posteriormente, se venham a afastar, criando a revista *Seara Nova*.

Na verdade, cada um destes autores marcará esta geração que, em linha de continuidade com o século XVIII, marcada pelas questões de ordem ética, gnosiológica e metafísica, perdurará nesta primeira metade do século XX, com a reflexão filosófica e criacionista de Leonardo Coimbra, com a matriz poética, religiosa e filosófica de Teixeira de Pascoaes, com o racionalismo e intelectualismo de António Sérgio, ou ainda com o carácter interrogativo e suspensivo de Raul Proença, relativamente à questão de Deus e da sua relação com o mal. Dá-se ainda uma outra linha de reflexão "assinalada pelas primeiras e mais significativas expressões do neopositivismo e pelo regresso à consideração filosófica do direito, banida pela reforma universitária de 1911" (p. 66). A par desta orientação, encontramos a presença do neokantismo, quer nos trabalhos de historiografia filosófica de Joaquim de Carvalho (1892-1858), quer na reflexão de L. Cabral de Moncada (1888-1974). No plano de expressão poética, regista-se o pendor especulativo e filosófico da poesia de Fernando Pessoa (1888-1935), assim como na reflexão de Raul Leal (1886-1964), ou ainda na reflexão, de pendor existencialista, de Fidelino de Figueiredo (1889-1967), que encontramos também, na obra literária de Raul Brandão (1867-1930).

O quarto período (1943-1981) surge num momento de alguma inicial dispersão, consequente, da decisão política de extinguir a Faculdade de Letras do Porto, em 1931. Com a morte de Leonardo Coimbra, que a tinha criado, aglutinando, em seu redor, vários discípulos e intelectuais, tais como, Álvaro Ribeiro (1905-1981), José Marinho (1904-1975) Sant'Anna Dionísio (1902-1991), Delfim Santos (1907-1966) e outros, é marcada pela necessidade de interpretação da obra de Leonardo Coimbra e da subsequente questão em torno da Filosofia Portuguesa, levantada por Álvaro Ribeiro. Todavia, há uma diversidade de reflexões que enriquecem este período. A filosofia de José Marinho, marcadamente ontológico-metafísica, abre-se a um universo filosófico intenso que o idealismo transcendental de Hegel ou de Schelling se lhe oferece. Por seu turno, Sant'Anna Dionísio, discípulo de Leonardo Coimbra abre-se à especulação existencial trágica. Por sua vez, Delfim Santos, reclamando-se igualmente da inspiração leonardina, abre-se a uma ontologia pluralista e a uma compreensão da *situação* existencial do homem na sua subjectividade.

Na sequência da "tradição especulativa da «Escola portuense»", surgem "continuadores e renovadores nas gerações seguintes" (p. 92). Para além disso, regista-se, neste período, dois marcos institucionais importantes, a criação da Faculdade de Filosofia de Braga pela Companhia de Jesus (1947) e a criação de uma segunda Faculdade de Letras do Porto (1957). Em torno desta duas instituições, surgem figuras que marcaram o magistério e que, simultaneamente, revalorizaram o espaço cultural da época.

O quinto período (1981-2000) é marcado pelo debate iniciado em 1943, em torno da filosofia portuguesa, "tal como Álvaro Ribeiro e José Marinho o entenderam" (p. 106), agora ampliado e alargado ao mundo filosófico luso-brasileiro. Para isso, muito contribuiu a realização do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia, dando oportunidade a um debate entre investigadores portugueses e brasileiros. A partir daqui se desenvolve toda uma linha de reflexão, em torno do pensamento luso-brasileiro, cujo pioneirismo se deveu a António Paim e Eduardo de Abranches de Soveral. No último quartel do século XX, surgiu o interesse especulativo, em redor da saudade, que encontramos em diversos seguidores e abrangendo o mundo luso-galaico.

No entanto, não é só a filosofia da saudade que caracteriza a especulação filosófica portuguesa, na segunda metade do século XX, mas, igualmente, a reflexão fenomenológica e metafísica de Eduardo Soveral, inspirada no pensamento de A. Miranda Barbosa e a reflexão de António José de Brito, inspirada em Cabral de Moncada. Numa linha antropológica e associada à dimensão lógica e gnosiológica, encontramos o pensamento de Fernando Gil. Já no plano da especulação política e ética, Mário de Sottomayor Cardia é, a este respeito, um dos exemplos.

Aqui está, em suma, a síntese que Braz Teixeira efectuou acerca do universo português, de forma magistral.

Maria Manuela Brito Martins